

A ESCRITA DE SINAIS COMO MEIO DE FACILITAR AO ALUNO SURDO À APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA

GT 7- EDUCAÇÃO DE SURDOS

Kledson de Albuquerque Alves
Professor de LIBRAS da Escola
Municipal de Educação Infantil e de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos
"Padre Edwards Caldas Lins"
kledson.bear@gmail.com

Maria Gorete de Medeiros
Professora do Curso de Pedagogia da UFCG
goretendidatica01@gmail.com

RESUMO

A língua de sinais não é ágrafa, pois todas as línguas possuem suas respectivas escritas. Mesmo assim, apesar de mais de quarenta países já utilizarem a escrita de sinais no ensino bilíngue, no Brasil este conhecimento ainda é muito novo, mesmo já tendo havido pesquisas realizadas no Rio Grande de Sul. Sendo bilíngue, o aluno surdo precisa aprender a língua portuguesa escrita, mas no processo de alfabetização a grande maioria das escolas não faz diferenciação da metodologia utilizada para ensinar a escrita de português e o letramento ao surdo. Isto tem dificultado muito a aprendizagem do surdo. Que influência a aprendizagem da escrita de sinais provoca na aprendizagem do português escrito? Ajuda ou é indiferente? Por quê? Partindo de uma pesquisa bibliográfica de obras de autores como KLIMS FARIAS, SAMPAIO e KLIMS, In: FARIA e ASSIS (2012); PONTIN e SILVA (2010); PORTO e PEIXOTO, In: FARIA e CAVALCANTE (2011); RIBEIRO (S/D); STUMPF, In: LODI, HARRISON, CAMPOS e TESKE (2002); QUADROS, In: FARIA e ASSIS (2012), foi realizado um trabalho sob o objetivo de explicar como a aprendizagem da escrita de sinais atua sobre a aprendizagem da escrita da língua portuguesa. A pesquisa esclareceu que os alunos surdos que dominam a LIBRAS (L1) têm maior facilidade para a aprendizagem da escrita de sinais. Por outro lado, ao aprender a LIBRAS junto à escrita de sinais (Sign Writing) esses alunos estarão mais bem embasados para a aprendizagem da língua portuguesa escrita (L2).

PALAVRAS CHAVE: Aluno surdo. Escrita de Sinais. Português escrito.

ABSTRACT

Sign language is not unwritten, because all languages have their respective writings. Yet, despite more than forty countries already use writing signs in bilingual education in Brazil this knowledge is still very new, even having already been surveys conducted in Rio Grande do Sul. Being bilingual, deaf students need to learn the language written Portuguese, but in the literacy process the vast majority of schools does not differentiate the methodology used to teach writing and literacy to Portuguese deaf. This has hindered the learning of very deaf. That influence the learning of writing in learning signal causes of written Portuguese? Help or indifferent? Why? Starting from a literature survey of the works of authors such as KLIMS FARIAS, SAMPAIO and KLIMS, In: FARIA & ASSIS (2012); PONTIN and SILVA (2010); PORTO and PEIXOTO, In: FARIA and CAVALCANTE (2011); RIBEIRO (S / D); STUMPF, In: LODI, HARRISON, CAMPOS and TESKE (2002); QUADROS, In: FARIA & ASSIS (2012), a work was performed under the objective of explaining how the learning of writing signal acts on the learning of writing in Portuguese. The survey stated that deaf students who dominate LIBRAS (L1) have greater ease in learning the written signs. On the other hand, to learn LIBRAS next to the writing of signs (Sign Writing) these students will be well grounded for learning Portuguese written language (L2).

KEYWORDS: Deaf Student. Writing Signal. Portuguese written.

Introdução

Considerando a aprendizagem da língua escrita alfabética (e/ou silábica) por parte dos alunos ouvintes, é possível reconhecer que os registros da oralidade em muito lhes ajudam no avanço da compreensão da escrita, uma vez que este conhecimento parte da percepção de que a escrita tende a representar sons da fala. No caso do aluno surdo isto não acontece, uma vez que no geral ele somente é submetido ao ensino da língua portuguesa escrita, mesmo que não tenha a referência sonora para se apoiar durante o aprendizado da mesma. Partindo do pressuposto de que todas as línguas possuem suas respectivas escritas, é possível se deduzir que a língua de sinais utilizada pelos surdos também tem sua respectiva escrita.

Ao aluno surdo é necessário aprender a língua portuguesa escrita, uma vez que este vive numa sociedade cuja cultura e língua são prioritariamente ouvintistas. Isto é indispensável, já que o mesmo necessita adquirir domínio da escrita desta sociedade para nela exercitar a sua cidadania, informando-se dos seus direitos e informando suas necessidades de conquistas. Só que existe um problema no processo de alfabetização dos surdos em relação à língua portuguesa escrita: estes são obrigados a aprender a escrita alfabética dos ouvintes sob um ensino que enfatiza a mesma metodologia que é dispensada aos alunos ouvintes. Este problema ocasiona muitas dificuldades para o aluno surdo ser alfabetizado na escrita em português.

Partindo do pressuposto de que a qualidade do domínio da fala é de grande ajuda para a criança ouvinte ser alfabetizada na escrita da sua língua oral, torna-se possível fazer alguns questionamentos interessantes sobre a possibilidade de no processo de alfabetização o aluno surdo também aprender a escrita de sinais (Sign Writing). Que tipo de influência a aprendizagem da escrita de sinais provocaria na aprendizagem da escrita de sinais? Ajudaria ou seria indiferente? Por quê?

Sob essa questão, o objetivo deste artigo é explicar como a aprendizagem da escrita de sinais atua sobre a aprendizagem da escrita da língua portuguesa. Para fazer isto é preciso usar conhecimentos ofertados por autores como KLIMSA FARIAS, SAMPAIO e KLIMSA, In: FARIA e ASSIS (2011); PONTIN e SILVA (2010); PORTO e PEIXOTO, In: FARIA e CAVALCANTE (2011); RIBEIRO (S/D); STUMPF, In: LODI, HARRISON, CAMPOS e TESKE (2002); QUADROS, In: FARIA e ASSIS (2012).

Atualmente já existem mais de quarenta países cujas escolas bilíngues usam normalmente a escrita de sinais. No Brasil este ainda é um conhecimento novo, de sorte que o uso da escrita de sinais através do sistema SignWriting surgiu em 1996, pela pesquisadora Surda Marianne Stumpf. “Como instituições pioneiras que desenvolveram projetos de aprendizagem do SignWriting destacam-se a Escola Especial Concórdia de Porto Alegre – RS e a Escola Hellen Keller de Caxias do Sul – RS. Outras instituições se interessaram por esse sistema de escrita de sinais, como o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS)”. (ALVES, 2014, p. 03)

1. Panorama da aprendizagem da escrita em língua portuguesa sem a alfabetização da língua de sinais e da sua respectiva escrita

Antes de ir para a escola, a criança (surda ou ouvinte) passa a maior parte do tempo com os seus familiares, significando que é no núcleo da família que geralmente as crianças recebem os primeiros estímulos para o desenvolvimento do processo de alfabetização. Em se tratando de familiares ouvintes, para a criança audiente tudo funciona bem, uma vez que ela possui input¹ para os estímulos da língua oral que é maciçamente utilizada pelos familiares que com ela interagem. Para a maioria das crianças surdas o processo não funciona tão fluentemente, pois esses pequeninos possuem input que correspondem às experiências visuais. Isto significa que no processo da aquisição da linguagem, sua tendência natural é para a aprendizagem da língua de sinais que, no caso do Brasil, corresponde à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Como a maioria das crianças surdas nasce em lares de pessoas ouvintes, a carência de contatos e de interações com pessoas que usem a LIBRAS ocasiona em atraso no desenvolvimento da aquisição da sua língua natural, a de sinais, e, conseqüentemente, na aquisição da língua portuguesa escrita.

Como já foi afirmado que o processo de alfabetização de qualquer criança inicia no meio familiar, o atraso linguístico da criança surda repercute na sequência do letramento

¹ No meio em que a criança surda está inserida ela recebe informações e é submetida a experiências a partir do uso que as pessoas que lhe cercam fazem da linguagem. Quando a língua utilizada é a oral a pessoa surda fica em desvantagem, uma vez que, naturalmente, possui input linguístico adequado à Língua de Sinais. Diferentemente, a pessoa ouvinte possui input natural para a compreensão da língua oral.

da língua portuguesa, uma vez que ao mesmo tempo em que tem início a alfabetização em LIBRAS também precisa acontecer o letramento em língua portuguesa. Isto significa que a aprendizagem da língua de sinais constitui-se na base para todo e qualquer aprendizado porvindouro que a criança precisará obter, inclusive, o da língua portuguesa escrita.

Quando a alfabetização da criança surda não abrange a aprendizagem da escrita da língua de sinais há uma dificuldade mais acentuada para ela aprender a escrita do português do que na situação inversa, uma vez que lhe será mais difícil conferir sentido ao que lê, ainda que tenha a capacidade de codificar e decodificar.

Referindo-se a resultados de pesquisas realizadas por Stumpf (2008 e 2009), Pontin e Silva (2010) afirmam que a causa pela qual os surdos apresentam déficit de informações sobre os acontecimentos costumeiros corresponde tanto ao bloqueio que eles enfrentam durante os atos de leitura e de escrita da língua portuguesa, quanto pelo fato de a maioria das pessoas com as quais eles interagem não conhecem a língua de sinais, o que, de certa forma, também lhe ocasiona atraso da aquisição da sua própria língua (LIBRAS).

Em síntese, significa dizer que no processo de alfabetização/letramento os surdos precisam primeiro aprender a língua de sinais antes da língua portuguesa, pois a escrita da sua primeira língua lhes serve de apoio para melhor assimilarem a língua portuguesa escrita, inclusive a entenderem um texto escrito nesta língua. Porém, isto não inviabiliza a ideia de que, a partir de certa altura do processo de alfabetização, a criança surda aprenda as duas línguas simultaneamente.

Emitir o esclarecimento explícito no parágrafo anterior exige considerações sobre a prática do letramento da língua portuguesa aos alunos surdos nas escolas brasileiras ditas inclusivas. Nestas, a prática quase geral se caracteriza pela falta do saber relacionado à língua de sinais, tanto por parte do professor ouvinte quanto por parte dos colegas de sala, significando que há uma unilateralidade de valor para a língua portuguesa e o não reconhecimento da LIBRAS, mesmo que este tenha sido declarado na Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

Neste caso, se o ensino da LIBRAS não é intenso aos surdos nem oferecido aos ouvintes como segunda língua (como requer um ensino bilíngue), a situação é pior em

relação ao trato da escrita de sinais, pois a existência deste conhecimento ainda é quase desconhecida pela grande maioria das escolas brasileiras, mesmo que no mundo já existam mais de quarenta países que o utilizam normalmente.

Qual é o resultado dessa situação? Pontin e Silva (2010) lembram que nas escolas inclusivas que têm surdos é muito comum a emissão de comentários do tipo: os alunos surdos esquecem as palavras da língua portuguesa; os alunos ouvintes conseguem ler e entender o significado de muitas palavras, mas os alunos surdos não conseguem.

Na verdade, esses comentários demonstram total desconhecimento sobre a realidade do letramento do aluno surdo, pois a dificuldade que ele aparenta para entender o significado de muitas palavras em português não ocorre porque ele seja incapaz, mas, sim, pelo fato de lhe faltar o referencial da escrita de sinais, e, em muitos casos, o domínio da LIBRAS, para lhe apoiar na aprendizagem da língua portuguesa escrita como sua segunda língua (L2).

Esclarecendo o caráter desse apoio, é preciso lembrar que, sendo a escrita portuguesa uma representação de língua sonora, aos surdos fica inviável apoiarem-se em sons que não ouvem. Assim, o caminho é apoiarem-se na perspectiva “gestuovisual”, sendo por isto que Sign Writing, enquanto escrita que representa os sinais utilizados na LIBRAS, compõe o recurso linguístico ideal para apoiar os surdos na aprendizagem do português.

Mediante o que já foi esclarecido, convém dizer que do ponto de vista da natureza da aprendizagem não existe diferença entre a alfabetização da criança surda e da ouvinte. O que existe, mesmo, é o desconhecimento de que os processos de ensino são bilaterais no que se refere ao fato de que a ouvinte precisa do referencial sonoro e a surda do visual.

A esse respeito, Ribeiro explica que

a criança ouvinte, quando vai para a escola, já conhece o significado das palavras. Quando ela aprende a ler, sabe o que as palavras significam, pois o português escrito apresenta características da fala, assim como se fosse um retrato. Quando aprende a ler, a criança ouvinte vê esse retrato e o reconhece. Por outro lado, a criança surda não ouve a fala da família. Então, ela vai para a escola, aprende a ler, mas não consegue entender o que as palavras representam, ela não consegue reconhecer o retrato porque antes não ouviu a palavra associada à ação ou ao objeto. (RIBEIRO, S/D, disponível em <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=67>>)

Deste modo, fica mais do que esclarecido que a metodologia a ser utilizada para ensinar a língua portuguesa escrita aos alunos surdos precisa ser diferenciada no que concerne à atenção de ressaltar as experiências visuais ao invés das auditivas.

2. Perspectivas da aprendizagem da escrita em língua portuguesa sob o respaldo da alfabetização da língua de sinais e da sua respectiva escrita

Antes de discorrer sobre o que o título acima sugere, julgamos interessante retomar o sentido da importância da escrita de sinais para o surdo. Para fazer isto, precisamos lançar mão do pensamento de uma pessoa surda. Stumpf expressa que

a escrita de sinais está para nós, surdos, como uma habilidade que pode nos dar muito poder de construção e desenvolvimento de nossa cultura. Pode nos permitir, também, muitas escolhas e participação no mundo civilizado do qual também somos herdeiros, mas do qual até agora temos ficado à margem, sem poder nos apropriar dessa representação. Durante todos os séculos da civilização ocidental, uma escrita própria fez falta para os surdos, sempre dependentes de escrever e ler em outra língua, que não podem compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação. (STUMPF, 2002, in: RIBEIRO, S/D, <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=67>>)

Contradizendo a falsa ideia de que os surdos são preguiçosos para escrever (por causa da indisposição que apresentam para aprender a língua portuguesa), as crianças surdas revelam interesse na aprendizagem da escrita de sinais e isto é inteligível, uma vez que esta escrita representa a sua primeira língua (L1). Por isto elas se sentem mais entusiasmadas quando são alfabetizadas/letradas a partir da escrita de sinais. Daí porque eu concordo plenamente com Stumpf quando diz que

as escolas de surdos precisam colocar rapidamente a escrita de sinais no currículo, pois suas aulas proporcionam oportunidades importantes para os surdos de aprender também língua de sinais. Exercitamos muitas aprendizagens de sinais quando procuramos pela melhor grafia de um sinal. (STUMPF, 2002:65 In: PONTIN e SILVA, 2010)

Corroborando os argumentos já apresentados sobre o mérito da escrita de sinais para a instrução escolar da criança surda, bem como o positivo apoio que este conhecimento ocasiona durante a sua aprendizagem do português escrito, Ribeiro (S/D, disponível em <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=67>>) esclarece que ao ser alfabetizada sob a aquisição da escrita de sinais, a criança surda evolui mais rapidamente quanto à aquisição da habilidade de ler e interpretar texto, de perceber regras gramaticais e a estrutura da língua de sinais com maior clareza e rapidez.

Quando o sistema de escrita de sinais é valorizado, também é substancializada a probabilidade de concretização da pedagogia surda, pois abarca a possibilidade de o professor trabalhar integralmente com a língua de sinais. Desta forma,

o professor pode ler o descobrimento do Brasil com alunos, pedir que cada um leia parte do texto com suas próprias palavras, ou deveríamos dizer, suas próprias mãos? Depois disto, o professor pode trabalhar o texto em sala através de questionário em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) onde o aluno fará a leitura e interpretação do texto, respondendo em LIBRAS e depois se expressando a respeito do conteúdo. Como cada aluno terá o livro-texto em LIBRAS, o professor poderá passar atividades para que os alunos aprofundem seus conhecimentos em casa. (RIBEIRO, S/D, disponível em <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=67>>)

Sob essa perspectiva, na fase de alfabetização sob a utilização da escrita de sinais o professor deve estar atento à oportunidade de realizar metodologia inerente à educação bilíngue, ressaltando a interpretação de texto, as regras gramaticais e a estrutura da língua de sinais. Nesse processo, também deve utilizar recursos com histórias em DVD. CD-ROM, slides e outros do tipo. A este respeito, Ribeiro ressalta que

é importante compreender que estas mídias se complementam e uma não substitui a outra. A escrita é uma arte em si mesma e sua utilização cria o que costumo chamar de cultura da escrita, que poderá ser observada não só nos livros bem como em cartas, e-mail, bilhetes, placas, folhetos, anúncios, pichações em cadernos e outros materiais escolares, frases em bonés e camisetas, páginas da internet, e até em cartaz de manifestações. (RIBEIRO, S/D, disponível em <<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=67>>)

Se as crianças surdas prezam a aprendizagem da escrita de sinais, mais ainda elas são abertas à utilização desta escrita, tanto em atos de leitura quanto de escrita de textos nos seus diferentes gêneros. Essa receptividade também acontece porque elas compreendem que serão beneficiadas com livros que lhes deem condições de adquirir conhecimentos e de dispor (e/ou criar) literaturas informativas e de lazer para aprender. Sob esse pensamento os surdos reconhecem que Sign Writing os estimula a ler e a escrever.

Conclusão

Ao aprender a LIBRAS junto à escrita de SignWriting os alunos surdos são beneficiados porque ao escreverem os sinais poderão analisar melhor a estrutura da sua L1, aperfeiçoando e aprofundando a compreensão desta língua e da sua respectiva gramática. Os benefícios da aprendizagem da escrita de sinais não param por aí, pois se

o surdo aprender a ler e a escrever primeiro em sua L1 estará mais bem embasado para a aprendizagem da L2, que para o surdo do nosso país é a língua portuguesa escrita.

Ressaltando as representações do que as escritas de L1 e L2 se constituem, pode ser esclarecido que a escrita de língua oral é representada pelos fonemas, significando que a escrita de sinais é representada graficamente pela configuração de mão, movimentos e locação, além dos outros símbolos referentes à orientação da mão e expressão facial, se houver necessidade. Isto sugere a ideia de que, ao aprender a escrita da sua L1, a criança surda encontra mais sentido do que aprender a escrita da L2.

A este respeito, a experiência de Stumpf sobre o ensino da escrita de sinais para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental esclareceu que os alunos que dominam a LIBRAS têm muita facilidade para a aprendizagem da escrita de sinais. Isto significa que quanto maior for o contato com a LIBRAS maior será a probabilidade de compreender a estrutura desta língua de modo mais natural possível.

Quando primeiro é introduzida a escrita de sinais para depois ser a escrita do português é criada uma circunstância que pode produzir no aluno surdo o estímulo do raciocínio para aprender a L2, ajudando-o a fazer uma comparação entre os textos produzidos em escrita de sinais e os produzidos em português

Neste caso, a apresentação do texto através do SignWriting junto com português favorece ao surdo a compreensão e uma leitura autônoma. Isto acontece porque utilizará a escrita em língua de sinais para se apoiar. Isto é muito estimulante para o aluno surdo porque proporciona uma aprendizagem mais natural, sem senso de coação e longe da barreira linguística e do constrangimento do sentimento de incompetência.

Referências

ALVES, Kledson de Albuquerque. Escrita de sinais: uma prioridade que não pode ser relegada. Trabalho apresentado no **IV COBESC** da UFCG, 22 a 25 de setembro de 2014 em Campina Grande – PB.

FARIA, Evangelina Maria Brito de e ASSIS, Maria Cristina de. (Orgs.) **Língua portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas**. Vol. 5. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. (305 p.)

PONTIN, Bianca Ribeiro e SILVA, Erika Vanessa de Lima. Língua Escrita: português/sinais (SW). **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Palhoça, SC, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina.

PORTO, Shirley e PEIXOTO, Janaína. Literatura Visual. In: **Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas**. FARIA, Evangelina Maria Brito de e CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra, organizadoras. Vol 3. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 165-195.

QUADROS, Ronice Müller de. Didática da LIBRAS. In.: FARIA, Evangelina M^a B. de e ASSIS, M^a Cristina de (orgs). **Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas**. Vol. 5. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2012 (p. 61 – 110)

RIBEIRO, Sérgio. **Escrita de Sinais – Por que não?** (S/D) Disponível em <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=67> (Pesquisado em 27 de setembro de 2013).

STUMPF, M. R. *Transcrição de língua de sinais brasileira em signwriting*. In: LODI, A. C.B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 62-70.